

ARTURO PÉREZ-REVERTE

*O TANGO DA
VELHA GUARDA*

TRADUZIDO DO ESPANHOL POR

CRISTINA RODRIGUEZ E ARTUR GUERRA

ASA

1

O DANÇARINO MUNDANO

Noutros tempos, cada um dos seus iguais tinha uma sombra. E ele fora o melhor de todos. Mantinha sempre o ritmo impecável na pista, as mãos serenas e ágeis fora dela, e nos lábios a frase apropriada, a réplica oportuna, brilhante. Isso tornava-o simpático para os homens e admirado pelas mulheres. Naquela altura, além das danças de salão que lhe serviam para ganhar a vida – tango, *foxtrot*, *boston* –, dominava como ninguém a arte de criar fogos de artifício com as palavras e desenhar paisagens melancólicas com os silêncios. Durante longos e frutíferos anos, raras vezes errou o alvo: era difícil que uma mulher de boa posição social, de qualquer idade, lhe resistisse no chá dançante de um Palace, um Ritz ou um Excelsior, numa esplanada da Riviera ou no salão da primeira classe de um transatlântico. Tinha pertencido àquela classe de homens que podemos encontrar de manhã, numa chocolataria e vestido de fraque, a convidar para o pequeno-almoço os criados da casa onde na noite anterior participara num baile ou num jantar. Tinha esse dom, ou essa inteligência. Também foi capaz, pelo menos uma vez na vida, de pôr tudo o que tinha no tapete de um casino e regressar na plataforma de um elétrico, arruinado, assobiando *El hombre que desbancó Montecarlo*, com aparente indiferença. E era tal a elegância com que sabia acender um cigarro,

fazer o nó da gravata ou ostentar os punhos bem engomados da camisa, que a polícia nunca se atrevera a detê-lo a não ser com as mãos na massa.

– Max.

– Senhor?

– Pode meter a mala no carro.

O sol da baía de Nápoles fere os olhos ao refletir-se nos cromados do *Jaguar Mark X*, como nos automóveis de outrora quando eram conduzidos por ele mesmo ou por outros. Mas até isso mudou desde então, e nem sequer a velha sombra aparece em lado nenhum. Max Costa dá uma vista de olhos sob os seus pés; até se move ligeiramente, sem resultado. Ignora o momento exato em que aconteceu, mas isso é o menos importante. A sombra fez silêncio, ficando para trás como tantas outras coisas.

Faz uma expressão resignada, ou talvez seja apenas o sol que o incomoda nos olhos, enquanto procura pensar em algo concreto, imediato – a pressão dos pneus a meia carga e plena carga, a suavidade da caixa de velocidades sincronizada, o nível do óleo –, para afastar aquela pontada agriçoce que aparece sempre quando as saudades ou a solidão conseguem materializar-se em excesso. A seguir respira fundo, suavemente, e depois de esfregar com um pano de flanela a estatueta prateada do felino que coroa o radiador, veste o casaco da farda cinzenta, que estava dobrada no encosto do banco da frente. Só depois de o abotoar cuidadosamente e ajustar o nó da gravata é que sobe devagar os degraus que, flanqueados por mármore decapitados e jarrões de pedra, conduzem à porta principal.

– Não se esqueça da malinha pequena.

– Pode ficar descansado, senhor.

O doutor Hugentobler não gosta que, em Itália, os seus empregados o tratem por doutor. Este país, costuma dizer, está infestado de *dottori*, *cavalieri* e *commendatori*. E eu sou um médico suíço. Sério. Não quero que me tomem por um deles, sobrinho de algum cardeal, industrial milanês ou coisa parecida. Quanto a Max Costa, todos na *villa* situada nos arredores de Sorrento se dirigem a ele

chamando-lhe somente Max. Isto não deixa de ser um paradoxo, pois ele utilizou vários nomes e títulos ao longo da sua vida, aristocráticos e plebeus, segundo as circunstâncias e as necessidades do momento. Porém, há já algum tempo, desde que a sua sombra agitou pela última vez o lenço e disse adeus – como uma mulher que desaparece para sempre por entre uma nuvem de vapor, emoldurada na janela de uma carruagem-cama, e nunca se sabe se partiu naquele momento ou começou a partir muito antes –, que ele recuperou o seu, o autêntico. Uma sombra em troca do nome que, até uma retirada forçada, recente e de certo modo natural, incluindo uma temporada na prisão, figurou com um grosso processo nos departamentos policiais de meia Europa e América. De qualquer modo, pensa enquanto pega na malinha de pele e na mala *Samsomite* e as coloca no porta-bagagens do carro, nunca, mesmo nos piores momentos, ele imaginara que terminaria os seus dias a responder «senhor?» ao ser interpelado pelo seu nome próprio.

– Vamos, Max. Trouxe os jornais?

– Estão aqui atrás, senhor.

Duas batidas de porta. Pôs, tirou e voltou a pôr o boné de motorista para instalar o passageiro. Ao sentar-se ao volante deixa-o no banco ao lado, e com gesto de antiga afetação dá uma olhadela pelo retrovisor antes de alisar o cabelo grisalho, ainda abundante. Nada como o pormenor do boné, pensa, para ressaltar a ironia da situação; a praia absurda para onde a ressaca da vida o atirou depois do naufrágio final. No entanto, quando está no seu quarto na *villa* a fazer a barba diante do espelho e conta as rugas como quem conta cicatrizes de amores e batalhas, cada uma com nome próprio – mulheres, roletas de casino, manhãs incertas, entardeceres de glória ou de fracasso –, acaba sempre por dirigir a si mesmo um piscar de olhos de absolvição; como se naquele ancião alto, já não tão magro, de olhos escuros e cansados, ele reconhecesse a imagem de um velho cúmplice com o qual se dispensam explicações. Apesar de tudo, insinua-lhe o reflexo em tom familiar, suavemente cínico e até um pouco canalha, é forçoso reconhecer que, aos sessenta e

quatro anos e com as cartas péssimas que a vida lhe deu nos últimos tempos, ainda pode considerar-se afortunado. Em circunstâncias parecidas, outros – Enrico Fossataro, o velho Sándor Esterházy – tiveram de optar entre a beneficência pública ou um minuto de incômodas contorções pendurados da gravata na casa de banho de uma triste casa de hóspedes.

– Há notícias importantes? – interroga Hugentobler.

Ouve-se ruído de jornais no banco de trás do automóvel: virar de páginas sem vontade. Foi mais um comentário do que uma pergunta. Pelo espelho retrovisor, Max vê os olhos do seu patrão inclinados, com os óculos de ler caídos para a ponta do nariz.

– Os Russos lançaram a bomba atômica, ou algo assim?

Hugentobler está a brincar, naturalmente. Humor suíço. Quando está de bom humor costuma armar-se em brincalhão com o pessoal de serviço, talvez por ser solteiro, sem família que se risse das suas graças. Max esboça um sorriso profissional. Discreto e à distância adequada.

– Nada de especial, senhor: Cassius Clay ganhou mais um combate e os astronautas da *Gemini XI* regressaram sãos e salvos... A guerra da Indochina também está a aquecer.

– Vietname, quererá dizer.

– É isso. Vietname... E nas notícias locais, em Sorrento vão começar a jogar o Prémio Campanella de xadrez: Keller contra Sokolov.

– Oh, Céus – diz Hugentobler, distraído e sarcástico. – Vou ter tanta pena de perder isso... A verdade é que há pessoas para tudo, Max.

– A quem o diz, senhor.

– Imagina? Toda a vida à frente de um tabuleiro. É assim que acabam esses jogadores. Alienados, como o tal Bobby Fisher.

– Pois é.

– Vá pela estrada de baixo. Temos tempo.

A gravilha deixa de ranger sob os pneus quando, depois de passarem o gradeamento de ferro, o *Jaguar* começa a rodar lentamente

na estrada alcatroada entre oliveiras, lentiscos e figueiras. Max muda de velocidade suavemente perante uma curva pronunciada, no fim da qual o mar tranquilo e luminoso surge recortado em contraluz, como um cristal esmerilado, as silhuetas dos pinheiros e as casas em socacos na montanha, com o Vesúvio do outro lado da baía. Por instantes, esquece-se da presença do seu passageiro e acaricia o volante, concentrando-se no prazer de conduzir; o movimento entre dois lugares cuja localização no espaço e no tempo o deixa despreocupado. O ar que entra pela janela aberta cheira a mel e a resina, com os últimos aromas do verão que, nestas paragens, resiste a morrer e trava uma ingénua e doce batalha com as folhas do calendário.

– Dia magnífico, Max.

Pestaneja, voltando à realidade, e ergue de novo os olhos para o espelho retrovisor. O doutor Hugentobler pôs os jornais de lado e tem um charuto havano na boca.

– Com efeito, senhor.

– Temo que, quando voltar, o tempo já terá mudado.

– Confiemos que não. São só três semanas.

Hugentobler emite um grunhido acompanhado de uma bafurada de fumo. É um homem de aspeto agradável e tez avermelhada, proprietário de um sanatório de repouso situado nas proximidades do lago de Garda. Fez fortuna nos anos a seguir à guerra proporcionando tratamento psiquiátrico a judeus ricos traumatizados com os horrores nazis; desses que acordavam a meio da noite e julgavam estar ainda num barracão de Auschwitz, com os *Dobermann* a ladrar lá fora e os SS a indicarem o caminho dos duches. Hugentobler e o seu sócio italiano, um tal doutor Bacchelli, ajudavam-nos a combater esses fantasmas, recomendando como final do tratamento uma viagem a Israel organizada pela direção do sanatório, e concluindo o assunto com faturas arrepiantes que hoje permitem a Hugentobler manter uma casa em Milão, um apartamento em Zurique e a *villa* de Sorrento com cinco automóveis na garagem. Há três anos que Max se encarrega de os ter sempre prontos e de os

conduzir, assim como de supervisionar os trabalhos de manutenção na *villa*, onde os outros empregados são um casal de Salerno, criada e jardineiro: os Lanza.

– Não vá diretamente para o porto. Passe pelo centro.

– Sim, senhor.

Deita um breve olhar ao relógio, correto mas barato – um *Festina* chapeado a ouro falso – que traz no pulso esquerdo, e conduz por entre o pouco trânsito que àquela hora desliza pelo corso Italia. Há muito tempo para embarcar na canoa motorizada que transportará o doutor de Sorrento para o outro lado da baía, poupando-lhe assim as voltas e reviravoltas da estrada para o aeroporto de Nápoles.

– Max.

– Senhor?

– Pare em Rufolo e compre uma caixa de *Montecristo*, número dois.

A relação laboral de Max Costa com o seu patrão começou como um amor à primeira vista: assim que lhe pôs a vista em cima, o psiquiatra ignorou os antecedentes impecáveis – por outro lado, rigorosamente falsos – incluídos nas cartas de recomendação. Homem prático, convicto de que a sua intuição e experiência profissional nunca enganam acerca da condição humana, Hugentobler decidiu que aquele indivíduo vestido com um certo ar de antiquada elegância, a sua expressão franca, respeitosa e tranquila, e sobretudo a educada prudência dos seus gestos e palavras, eram a imagem viva da honradez e do decoro. Personagem idónea, portanto, para conferir a dignidade apropriada ao deslumbrante parque automóvel – o *Jaguar*, um *Rolls-Royce Silver Cloud II* e três carros antigos, entre os quais um *Bugatti 50T coupé* – de que tão orgulhoso se sente o doutor em Sorrento. É evidente que este está longe de imaginar que o seu motorista pôde desfrutar noutro tempo de automóveis próprios e alheios tão luxuosos como os que agora conduz na condição de empregado. Se dispusesse da informação completa, Hugentobler teria de rever alguns dos seus pontos de

vista sobre a condição humana, e procurar um auriga de aspeto menos elegante mas currículo mais convencional. De qualquer modo, seria um erro. Qualquer pessoa que conheça o lado obscuro das coisas percebe que aqueles que perderam a sua sombra são como as mulheres com passado que se casam: ninguém é mais fiel do que elas, pois sabem o que arriscam. Mas não vai ser Max Costa, nesta altura, a instruir o doutor Hugentobler sobre a fugacidade das sombras, a honestidade das putas ou a honradez forçada dos velhos dançarinos de salão, mais tarde ladrões de luva branca. Embora nem sempre a luva fosse completamente branca.

Quando a canoa motorizada *Riva* se afasta do pontão da Marina Piccola, Max Costa permanece algum tempo apoiado no quebra-mar que protege o cais a observar a esteira que avança na lâmina azul da baía. Depois tira a gravata e o casaco da farda, e com este no braço caminha de volta para o carro estacionado perto do edifício da Guardia di Finanza, junto da falésia que se ergue sustentando lá em cima Sorrento. Dá cinquenta liras ao rapaz que vigia o *Jaguar*, liga-o e conduz devagar pela estrada que, descrevendo uma curva fechada, sobe até à povoação. Ao desembocar na praça Tasso detém-se perante três peões que saem do hotel Vittoria: são duas mulheres e um homem, e segue-os com o olhar, distraído, enquanto atravessam a pouca distância do radiador. Têm aspeto de turistas abastados; desses que chegam fora de época para desfrutar com mais tranquilidade, sem os sufocos do verão e as suas multidões, do sol, do mar e do clima agradável que ali se mantém até bem entrado o outono. O homem deve ter menos de trinta anos, tem óculos escuros e veste um casaco com cotovelleiras de camurça. A mais nova das mulheres é uma morena de aspeto agradável e saia curta, que tem o cabelo apanhado numa trança comprida nas costas. A outra, de mais idade, madura, veste um casaco de malha bege, saia escura e cobre-se com um enrugado chapéu masculino de *tweed* sob o qual se destaca um cabelo grisalho muito curto, com

tons de prata. É uma senhora distinta, aprecia Max. Com aquela elegância que não consiste na roupa, mas sim na forma de usá-la. Acima da média que é costume ver-se nas *villas* e bons hotéis de Sorrento, Amalfi e Capri, mesmo nesta época do ano.

Há qualquer coisa na segunda mulher que o incentiva a segui-la com o olhar enquanto atravessa a praça Tasso. Talvez o modo como se comporta: devagar, segura, a mão direita metida com indolência no bolso do casaco de malha; com aquela forma de andar daqueles que, durante uma boa parte da sua vida, caminharam seguros sobre os tapetes de um mundo que lhes pertencia. Ou talvez o que chame a atenção de Max seja o modo como ela inclina o rosto para os seus acompanhantes para se rir do que falam entre si, ou para pronunciar palavras cujo som os vidros silenciosos do automóvel emudecem. A verdade é que, por momentos, com a rapidez de quem evoca o fragmento desconexo de um sonho esquecido, Max enfrenta o eco de uma recordação. A imagem passada, remota, de um gesto, de uma voz e de um riso. Isto espanta-o tanto que é preciso a buzina de outro carro atrás para que ele meta a primeira e avance um pouco sem deixar de observar aquele trio, que chegou do outro lado da praça e se senta ao sol, à volta de uma das mesas da esplanada do bar Fauno.

Está prestes a desembocar no corso Italia quando a sensação familiar lhe acode mais uma vez à memória; mas agora trata-se de uma recordação concreta: um rosto, uma voz. Uma cena, ou várias. De repente, o espanto torna-se estupefação, e Max pisa no travão com uma brusquidão que lhe vale uma segunda buzina de outro carro que vem atrás, secundado por gestos iracundos do seu condutor quando o *Jaguar* se desvia bruscamente para a direita e, após travar de novo, se detém junto à berma do passeio.

Tira a chave da ignição e reflete enquanto permanece imóvel, olhando para as mãos apoiadas no volante. Por fim, sai do automóvel, veste o casaco e caminha sob as palmeiras da praça em direção à esplanada do bar. Vai desassossegado. Receoso, talvez, de confirmar o que lhe vai na cabeça. O trio continua ali, em animada

conversa. Procurando passar despercebido, Max para junto dos arbustos da zona ajardinada. A mesa fica a dez metros, e a mulher do chapéu de *tweed* está sentada de perfil, a conversar com os outros, alheia à investigação rigorosa a que Max a submete. É provável, confirma este, que noutros tempos ela tenha sido muito atraente, pois o rosto conserva a evidência de uma antiga beleza. Poderá ser a mulher que ele suspeita, conclui, inseguro; embora seja difícil afirmá-lo. Há demasiados rostos femininos interpostos, e isso inclui um antes e um longo depois. Emboscado atrás dos canteiros, enquanto espreita para todos os pormenores que possam encaixar na sua memória, Max não chega a uma conclusão satisfatória. Por último, consciente de que ali parado acabará por chamar a atenção, rodeia a esplanada e vai sentar-se numa das mesas ao fundo. Pede um Negroni ao empregado, e durante os vinte minutos seguintes observa o perfil da mulher, analisando cada um dos seus gestos e movimentos para os comparar com os que recorda. Quando os três saem da mesa e atravessam de novo a praça em direção à esquina da via San Cesareo, reconheceu-a, finalmente. Ou assim julga. Então levanta-se e vai atrás deles, mantendo-se afastado. Há séculos que o seu velho coração não batia tão depressa.

A mulher dançava bem, verificou Max Costa. Solta e com alguma audácia. Atreveu-se até a segui-lo num passo lateral mais complicado, de fantasia, que ele improvisou para averiguar a sua perícia, e do qual uma mulher menos ágil teria saído pouco airosa. Devia andar pelos vinte e cinco anos, calculou. Alta e esbelta, braços compridos, pulsos finos e pernas que se adivinhavam intermináveis sob a seda leve e escura, de reflexos cor de violeta, que deixava ver os ombros e as costas até à cintura. Graças aos saltos altos que realçavam o vestido de noite, o seu rosto ficava à mesma altura que o de Max: sereno, bem desenhado. Trigueira no cabelo, usava-o um pouco ondulado de acordo com a moda exata naquela temporada, com um corte rente descobrindo a nuca. Ao dançar

mantinha o olhar imóvel para além do ombro do casaco do fraque do seu par, onde apoiava a mão em que brilhava uma aliança de casamento. Nem uma só vez, depois dele se ter aproximado com uma reverência cortês oferecendo-se para uma valsa lenta, daquelas a que chamavam *boston*, eles tinham voltado a olhar-se nos olhos. Os dela eram cor de mel transparente, quase líquido; realçados pela quantidade de rímel exato – nem um toque a mais que o necessário, tal como no *bâton* da boca – sob o arco de umas sobrancelhas depiladas numa linha muito fina. Nada tinha a ver com as outras mulheres que Max escoltara naquela noite no salão de baile: senhoras maduras com perfumes fortes de lilás e pachuli, e repariguinhas desajeitadas de vestido claro e saia curta que mordiam os lábios esforçando-se para não perder o ritmo, coravam quando lhes punha a mão na cintura ou batiam palmas quando soava um hupa-hupa. De modo que, pela primeira vez naquela noite, o dançarino muniado do *Cap Polonio* começou a divertir-se com o seu trabalho.

Não voltaram a olhar um para o outro até terminar o *boston* – era *What I'll Do* – e a orquestra atacou o tango *A media luz*. Tinham ficado imóveis por uns instantes na pista semivazia, um de frente para o outro; e ao ver que ela não voltava para a mesa – um homem vestido de *smoking*, certamente o marido, acabava de se sentar lá –, aos primeiros compassos ele abriu os braços e a mulher adaptou-se imediatamente, impassível como antes. Apoiou a mão esquerda no ombro dele, estendeu languidamente o outro braço e começaram a mover-se na pista – a deslizar, pensou Marx que seria a palavra – de novo com as íris cor de mel fixas para além do dançarino, sem o olhar, mas enlaçada a ele com uma precisão espantosa; ao ritmo seguro e lento do homem, que, por seu lado, procurava manter a distância respeitosa e exata, o roçar dos corpos imprescindível para compor as figuras.

– Acha bem assim? – perguntou, depois de uma evolução complexa, seguida pela mulher com absoluta naturalidade.

Ela dedicou-lhe um olhar fugaz, finalmente. Também, talvez, um suave esboço de sorriso logo ali desvanecido.

– Perfeito.

Nos últimos anos, o tango, originariamente argentino, e que ficara na moda em Paris com os bailes apaches, fazia furor nos dois lados do Atlântico. De modo que a pista não demorou a ficar animada com pares que evoluíam com maior ou menor garbo, traçando passos, encontros e desencontros que, conforme os casos e a perícia dos protagonistas, podiam ir do correto ao grotesco. O par de Max, no entanto, correspondia com plena desenvoltura aos passos mais complicados, adaptando-se tanto aos movimentos clássicos, previsíveis, como aos que ele, cada vez mais seguro da sua acompanhante, empreendia às vezes, sempre sóbrio e lento segundo o seu estilo particular, mas introduzindo cortes e simpáticos passos de lado que ela seguia com naturalidade, sem perder o ritmo. Divertindo-se também com o movimento e a música, como era evidente pelo sorriso que agora gratificava Max com mais frequência após uma evolução complicada e bem conseguida, e pelo olhar dourado que de vez em quando regressava da sua distância para pousar uns segundos, satisfeito, no dançarino mundano.

Enquanto se moviam pela pista, ele estudou o marido com olhos profissionais, de caçador tranquilo. Estava habituado a fazê-lo: esposos, pais, irmãos, filhos, amantes das mulheres com quem dançava. Homens, enfim, que costumavam acompanhá-las com orgulho, arrogância, tédio, resignação ou outros sentimentos igualmente masculinos. Havia muita informação útil nos alfinetes de gravata, correntes de relógio, cigarreiras e anéis, na espessura das carteiras entreabertas quando chegavam os empregados de mesa, na qualidade e corte de um casaco, no vinco de umas calças ou no brilho de uns sapatos. Até na forma de fazer o nó da gravata. Tudo era material que permitia que Max Costa estabelecesse métodos e objetivos ao ritmo da música; ou, dito de modo mais prosaico, passar de danças de salão a possibilidades mais lucrativas. O decurso do tempo e a experiência tinham acabado por confirmá-lo na opinião que sete anos antes, em Melilla, obtivera do conde Boris Dolgoruki-Bragation – segundo cabo legionário na Primeira Bandeira